PESQUISA/INICIAÇÃO CIENTÍFICA - PESQUISA/ INICIAÇÃO CIENTÍFICA

TDAH E MEDICALIZAÇÃO DA INFÂNCIA

Leticia Brito Martinelli (leticia.martinelli012@academico.ufgd.edu.br)

Conrado Neves Sathler (conradosathler@ufgd.edu.br)

Analisar e indagar é um serviço inerente ao fazer psicológico. Dentro disso, o presente trabalho busca pensar discursividades com recorte no âmbito da medicalização da infância e do aumento nos diagnósticos de TDAH. Nosso enfoque está em pensar coletivamente os prejuízos da patologização, especialmente a patologização precoce de crianças que iniciam o tratamento com apenas seis anos de idade. As marcas de subjetividade deixadas nesses indivíduos quando diagnosticados sem compreensão da totalidade de suas condições de existência e a responsabilidade do saber psicológico dentro do poder atribuído a este gesto de diagnosticar nos meios sociais serão tocadas. Analisar discursividades é obter uma escuta ativa e qualificada do meio, o assunto trabalhado ao longo dessa pesquisa é tão latente no meio midiático e nas pesquisas científicas quanto nas conversas informais. Por isso, o principal método utilizado tem sido a escuta qualificada, interseccionando-a com a leitura de autores como M. Foucault, I. Hacking, F. Papalia, Francisco Ortega, Ana Freud, M. Klein e J. Lacan, entre outros que ao longo dos anos vem pensando desde os discursos e a manutenção do poder até as transformações daquilo que se compreende como infância nos diferentes contextos sociais e sua construção identitária, podendo-se compreender patológico ou não. As nomenclaturas atuais constroem a identidade daquele que as recebe e o lugar de onde elas vêm são capazes de marcar seu desenvolvimento. Os

diagnósticos de TDAH presumem pouca ou baixa capacidade intelectual de se concentrar e atuar em tarefas cotidianas, todavia seu aumento recente torna passível questionamentos importantíssimos, tendo em vista a mudança naquilo que se entende como vida e em como estes diagnósticos têm sido acelerados e com uma imensidão de informações nunca vista antes. Não obstante, indagamos: a quem e para quem interessa o aumento destes diagnósticos, a busca incessante pela manutenção do capital pelas grandes empresas e o movimento perverso de indústrias farmacêuticas e da neurociência quando mal utilizadas? E, também, investigar o discurso da loucura e como ele se fortalece no passar dos anos, a fim de entender quem é o indivíduo “louco” ou “diferente” e porque manter subjetividades nesse lugar é um movimento recorrente e aparentemente simples na história da Psicologia e da Psiquiatria. As falas que estigmatizam e colocam o outro no lugar de Outro diferente do Eu são um mecanismo de defesa para aquilo que reside de maneira recalcada no Eu. Tal discussão é passível de abrangência para diversas áreas do conhecimento, porém nesta pesquisa utilizamos o recorte do sujeito infantil medicalizado diversas vezes sem necessidades médicas concretas. Por isso, para concluir o trabalho vigente, trago à tona a necessidade de uma Psicologia crítica, abordando o peso do saber deste ator social dentro das relações, frisando a ética do cuidado e a responsabilidade da fala deste agente. Este trabalho se desenvolveu em Iniciação Científica junto ao Grupo de Pesquisa TDI - Território, Discurso e Identidade, UFGD/CNPq.

Palavras-chave: medicalização; identidade e infância.